

## **ESPAÇO E PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS**

Beatriz Moreto de Campos

graduanda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Brasil) e bolsista do Ensino/Prograd. E-mail: amoets@hotmail.com

Nelson Rodrigo Pedon

Docente do curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista (Brasil). E-mail: nelson@ourinhos.unesp.br

### **RESUMO**

No Brasil, constata-se uma negligência, tanto da academia quanto dos gestores da educação, com o ensino de Geografia nas séries iniciais. Esta escassez reflete no trabalho dos pedagogos que atuam nas séries iniciais, uma vez que acabam tendo uma fraca formação e pouco acesso às formulações teóricas e didáticas nesta disciplina. Este trabalho busca contribuir para uma melhor compreensão do ensino de Geografia neste nível da educação escolar à medida que realiza uma reflexão teórica acerca dessa problemática, e propõe encaminhamentos didáticos passíveis de aplicação na sala de aula. Visamos promover a articulação entre a Universidade e a escola pública de Educação Básica, favorecendo a instauração de um diálogo que contribua para o aprimoramento das Políticas Públicas voltadas para a educação, sobretudo, no que se refere ao currículo das séries iniciais.

### **INTRODUÇÃO**

Até meados da década de 1940, o ensino de Geografia fazia parte dos níveis de escolaridade primário e normal de forma indireta, seu conteúdo era tratado de forma descritiva nos textos e livros didáticos utilizados pelos professores. O ensino de Geografia passou a fazer parte do currículo oficial do ensino primário do país no ano de 1946, com a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Primário e a Lei Orgânica do Ensino Normal. Desde o início, fora dada prioridade aos estudos de aspectos físicos do espaço e da localização em detrimento dos

aspectos sociais; além do tratamento isolado dos elementos do espaço, ou seja, separação dos elementos da Terra em “gavetas”, desarticulando o conteúdo com a vida dos alunos e gerando um ensino do espaço como se este tivesse apenas uma ordenação natural para ser explicado (BRAGA, 2007). Uma das características que marcou o ensino da disciplina no Brasil é seu caráter fragmentador da realidade, bastante criticada por Straforini (2002a; 2002b). A esta Geografia escolar o autor dá a denominação de *ensino tradicional*.

Em 1961 o governo de Jânio Quadros instituiu a Educação Moral e Cívica (EMC) para todos os graus da rede de ensino; naquela época acreditava-se que a Geografia não colaborava para a realização dos objetivos políticos e ideológicos do momento. Segundo Marques (2008), hoje, quando analisamos o ensino de Geografia nas séries iniciais, pode-se detectar problemas que foram herdados ou mesmo reforçados pelo período militar no Brasil com a implantação da Educação Moral e Cívica. Um deles é basear o ensino de Geografia a partir da Teoria dos Círculos Concêntricos (TCC), ou seja, o estabelecimento de uma ordem escalar do espaço e do ensino. Nessa época já se trabalhava também com discussões sobre as teorias piagetianas, fato que possivelmente reforçou a ideia de que as crianças situadas nas séries iniciais deveriam aprender a partir do concreto por não ter, ainda, condições de abstrair-se, tese que sustentava a ideia dos círculos concêntricos.

Na década de 1980 não houve grandes modificações no ensino de Geografia nas séries iniciais; apenas na década de 1990 com a revogação do decreto – lei nº 869/69, em 1993, que incluía a Educação Moral e Cívica nas escolas, com a aprovação da nova Lei de Diretrizes de Bases (Lei n. 9394) em dezembro de 1996 e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, é que de fato a Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental passou a ter espaço legal no currículo escolar. Segundo os PCNs, adquirir conhecimentos básicos de Geografia é algo importante para a vida em sociedade, principalmente para o desenvolvimento da cidadania. Todavia, Marques (2008: 210) ressalta que:

[...] o documento vem reforçar outros (problemas) já mencionados neste trabalho e antigos, como o Círculo Concêntrico e a separação enfática de sociedade e natureza, ou da Geografia física e humana [...] (PCN, 1997: 127).

Contudo, podemos constatar que houve uma preocupação na elaboração dos PCNs com a questão levantada pela autora. O documento aponta que:

A paisagem local, o espaço vivido pelos alunos deve ser o objeto de estudo ao longo dos dois primeiros ciclos. Entretanto, não se deve trabalhar do nível local ao mundial hierarquicamente: o espaço vivido pode não ser o real imediato, pois são muitos e variados os lugares com os quais os alunos têm contato e, sobretudo, que são capazes de pensar sobre. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho que deve ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais (PCNs, 1997: 77).

O estudo da Geografia deve abordar, principalmente, a relação que a sociedade estabelece com a natureza, buscando a historicidade da construção do espaço geográfico. Para tanto, a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho.

Os primeiros anos do Ensino Fundamental são muito importantes no processo de construção de conceitos que serão utilizados pelo aluno ao longo de toda a Educação Básica. Os conceitos tradicionais da Geografia escolar também são utilizados em outras disciplinas, a exemplo do conceito de paisagem empregado pela Biologia nos estudos dos ecossistemas ecológicos. Na ausência de um trabalho adequado com esses conceitos na fase inicial de instrução escolar, é comum surgirem dificuldades nas fases posteriores, uma vez que cada conceito corresponde a uma representação única de um complexo de processos e dinâmicas que dá unidade a um objeto material ou abstrato. Os conceitos de paisagem, lugar e território expressam as qualidades do espaço geográfico, num contexto especial, e determina seu significado. Para o estudo do conceito de paisagem é necessário levar em consideração o nível de abstração do aluno, bem como sua etapa de aprendizagem. Este conceito possui caráter específico para a Geografia e os autores dessa ciência divergem sobre sua definição, podendo dar enfoque a seu caráter ideológico ou material, ou a uma abordagem histórica ou ecológica.

Defendemos uma abordagem que amplie as possibilidades do aluno em ler a paisagem local estabelecendo comparações e interpretando as múltiplas relações entre a sociedade e a natureza de um determinado lugar, essa perspectiva valoriza a totalidade.

## APONTAMENTOS PARA UMA PERSPECTIVA COMPLEXA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

O ensino de Geografia nas séries iniciais é o ponto de partida para que o aluno possa começar a analisar o espaço à sua volta. Compreender as relações sócio-espaciais e os reflexos da ação da sociedade sobre a natureza é fundamental para desenvolver uma visão crítica sobre o mundo, aprendendo a diferenciar o complexo de processos e dinâmicas que envolvem a produção do espaço geográfico.

Já no início do século XX, Paul Vidal De La Blache afirmava que o ensino de Geografia nos primeiros níveis da instrução escolar deveria servir para desenvolver e aclarar as ideias na mente das crianças, despertando nelas o espírito de observação e ajudando-as a associar suas primeiras impressões. Para a utilização de conceitos não bastava decorá-los, era preciso que determinadas palavras despertassem ideais, unidas a fatos e, caso possível, também a imagens, sendo que essas deveriam ser explicadas e interpretadas. Ao ouvirem o nome de uma localidade o aluno deveria sentir a necessidade e o desejo de saber onde esta se encontra, seja em relação a eles ou ao globo. Para ele, também é necessário “arrancar-lhes o preconceito”, tido como algo “natural”, de que os acontecimentos climáticos, físicos e biológicos acontecem de mesmo modo que está acostumado a presenciar nas outras regiões do mundo.

Para Straforini (2002a; 2002b), as ações do aluno sobre o bairro no qual mora, pouco conseguem explicá-lo, pois jamais é levado a considerar as características e influências localizadas em outros bairros, estados e países, agindo somente sobre o imediato concreto e privilegiando a forma em detrimento do seu conteúdo, ou seja, a realidade acaba por se tornar o ponto de partida e o de chegada. Numa perspectiva similar, Callai (2005) afirma que quando se parte do “eu”, da família, há a criação de uma proposição antropocêntrica, ou mesmo egocêntrica ao redor do indivíduo. O problema não está em partir do “eu”, mas em fragmentar os espaços que se sucedem e passam a ser considerados isoladamente uns dos outros, de modo que tudo se explica naquele e por aquele lugar, excluindo a presença da dinamicidade, sendo que, essa mesma dinamicidade engloba o “eu” em sua complexidade.

Brito & Ghisolffi (2007), apontam que o parcelamento do conhecimento que fora instituído nas escolas nos ensinou a separar e isolar as coisas, ou seja, passamos a segregar os objetos de seus contextos, a realidade em disciplinas, como se dessa forma pudéssemos compreender o todo, sendo que desconhecemos o espaço no qual estamos inseridos e este é

feito de interações que não conseguimos perceber. Há também o fato de que as disciplinas que fazem parte das grades curriculares no ensino fundamental tornam-se “fragmentos desarticulados” e “fechados em si mesmos”, sem que possa ocorrer o diálogo entre as matérias.

Alguns livros didáticos trazem o ensino de Geografia com um olhar hierárquico sobre as relações entre os lugares (casa, bairro, cidade, estado, país, etc.) e, dessa forma, faz com que a criança se distancie da realidade, pois não estão estabelecendo uma conexão entre esses locais para que ela perceba que há relações de dependência entre eles. Outra questão muito presente no ensino de Geografia nas séries iniciais é a memorização. Em geral, os alunos são induzidos apenas a memorizar os conceitos, as localizações, as condições climáticas dos locais, mas sem que eles realmente entendam o porquê daquela situação. A Geografia nas séries iniciais não deve ser enumerativa, descritiva e enciclopédica, mas sim, uma disciplina que trabalhe com a realidade vivida pelo aluno, uma realidade que deve ser apresentada com diversas relações, sendo entendida como algo em processo e constante movimento, uma dinamicidade constante.

No momento da aprendizagem em sala de aula (ou fora dela) o aluno precisa aprender a relacionar o conteúdo escolar com a realidade na qual vive. Tendo um conhecimento prévio sobre assuntos correlatos aos que está absorvendo ele passa a construir significados pessoais para a informação que é dada; trata-se então de uma percepção subjetiva do material, configurando uma aprendizagem significativa. Caso contrário, se o aluno apenas absorver o conteúdo de maneira literal sua aprendizagem será mecânica, pois somente reproduzirá o conteúdo de maneira idêntica à que lhe foi apresentada. Dessa forma, não há o entendimento da estrutura da informação que lhe foi apresentada e ele não vai conseguir transmitir esse conhecimento para o momento de solucionar problemas equivalentes situados em outros contextos.

O ensino nas salas de aula deve acompanhar não somente o dia a dia e o contexto sócio-espacial no qual o aluno se encontra, mas também, o contexto global e as modificações geográficas, espaciais e históricas que ocorrem no mundo concomitantemente ao momento do ensino e da aprendizagem. A criança precisa ser aproximada da realidade como um todo, ou seja, precisa compreender que as ações que são realizadas em seu bairro, cidade, país, também ocorrem em outros países, com outras crianças, mas, muitas vezes, em situações climáticas, por exemplo, diferentes. Essa contextualização global colabora com a diminuição da hierarquização dos espaços e também com as noções de que os espaços estão interligados mesmo distantes fisicamente uns dos outros.

## ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL/GEOGRÁFICA

A alfabetização espacial consiste em ensinar ao aluno a maneira correta de observar, analisar, comparar e localizar-se; é de fundamental importância que haja esse ensino nas séries iniciais para que a criança logo comece a desenvolver sua noção de espaço, de localização e de distância. O problema é que, atualmente, muitos livros didáticos e professores, com a intenção de dar início a essa percepção de lugar partem do “eu”, da família, o que, segundo Callai (2005) gera uma proposição antropocêntrica, ou mesmo egocêntrica. O problema não é exatamente de onde se parte, mas sim a fragmentação dos espaços que se sucedem e passam a ser considerados isoladamente, como se determinado lugar pudesse ser explicado por ele mesmo, tal como buscamos ilustrar com a figura 01.

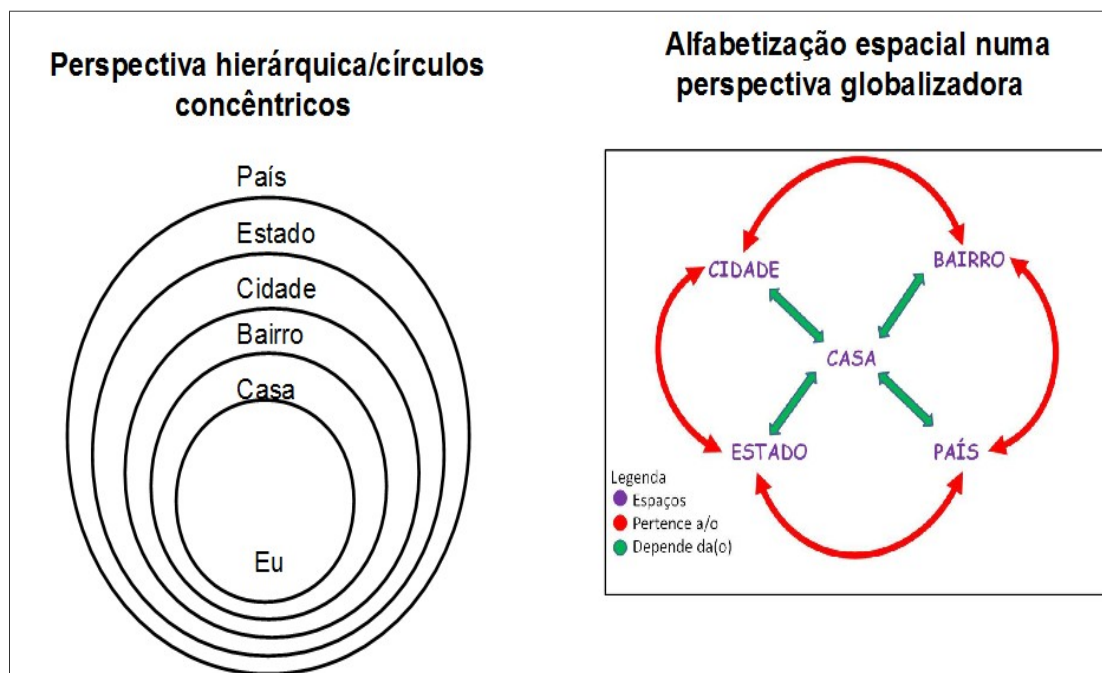
A contribuição da Geografia nas séries iniciais, etapa que o aluno passa pelo processo de alfabetização, tem um papel significativo, pois constrói no aluno a prática da observação e da análise dos espaços construídos, abrindo caminho para entender como a concretização das relações sociais configura um lugar e impõe limitações ou possibilidades para a sociedade.

Conforme Callai (2005):

O espaço não é neutro, e a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente (CALLAI, 2005: 233).

Para tanto, é preciso que a criança aprenda a ler esse espaço, que ela saiba ler e interpretar as paisagens e os conceitos que lhe serão apresentados; simultaneamente ao aprendizado da leitura do espaço, ela aprende também a ler as palavras e o mundo. A partir desse momento a Geografia passa a poder trabalhar os conceitos próprios de seu conteúdo. A alfabetização geográfica amplia a visão que o aluno tem do espaço no qual está, seja ele familiar ou não, ele aprende a pensar o espaço e desenvolve raciocínios geográficos, construindo seus próprios conceitos, ou seja, abstrações da realidade.

Figura 01: Comparação entre as tendências de ensino de Geografia nas séries iniciais.



Fonte: **Elaborado pelos autores.**

A presença da Geografia nas séries iniciais permite o desenvolvimento do olhar espacial, que consiste em, segundo Callai (2005): estudar, analisar, compreender o mundo, assim como as dinâmicas sociais nele inseridas, as relações entre os homens e as limitações/condições/possibilidades econômicas e políticas que interferem na configuração de um local e da sociedade.

## **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA PAISAGEM**

O ensino da paisagem para os alunos das séries iniciais deve levar em consideração o nível de abstração em que essas crianças se encontram e em qual etapa de aprendizagem elas estão. Além disso, não podemos esquecer que a escola transmite o conhecimento que foi acumulado historicamente, e também que “a paisagem é um elemento formado pelo acúmulo dos acontecimentos históricos” (MELLO, 2012). Segundo a autora, ter a prática social inicial dos alunos como ponto de partida para selecionar os conteúdos a serem ensinados é um ponto importante, principalmente quando se trata de transcender a relação entre os seres humanos e

a vida cotidiana, especialmente por se tratar de uma relação mais individualizada, pois, cada aluno lê a paisagem de uma forma única. Quanto ao espaço geográfico, a compreensão de sua totalidade é um objetivo ambicioso, mas aproximar os alunos dos conceitos geográficos já é um primeiro passo nessa direção; entre esses conceitos podemos abordar a paisagem, ela pode ser observada, descrita, analisada, avaliada, etc.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresenta dois blocos temáticos que fazem referência à paisagem e seu estudo nas séries iniciais: “Transformando a natureza: diferentes paisagens” e “O lugar e a paisagem”. O primeiro propõe que através da leitura de imagens, pode-se conhecer o curso da constituição da paisagem local e fazer uma comparação com o processo de formação de outras paisagens; pode-se também abordar a relação Homem x Natureza do ponto de vista de como cada grupo social (caiçaras, índios, imigrantes, etc.) se relacionou com o local onde vive ou viveu, ou seja, como e por que se fixou ali, os tipos de construções que realizaram sua interação com a natureza, etc.

O segundo bloco focaliza as relações individualizadas de cada aluno com o lugar em que vivem; isso implica em saber quais razões os levaram a viver ali, sob quais condições vivem, e aprofundar essa observação/análise/estudo através do modo como cada qual vê aquele local onde vive e, a partir disso, criam relações com a paisagem. Tratando-se da paisagem local, os PCNs propõe que devem ser estabelecidas “relações com outras paisagens e lugares distantes no tempo ou no espaço”, dessa forma, poderão ser utilizados elementos de comparação para buscar semelhanças e diferenças entre os lugares a serem trabalhados. Essa atividade contribui para a “compreensão mais ampla das noções de posição, sítio, fronteira e extensão, que caracterizam a paisagem local e as paisagens de forma geral.”.

A respeito do nível de abstração dos alunos no primeiro e segundo anos do ensino fundamental, Goulart (2011) afirma, com base Piaget, que o desenvolvimento das funções de conhecimento, de representação e das funções afetivas é marcado por períodos bem delineados, os quais ele chama de estádios de desenvolvimento. Dentre estes, aquele que diz respeito às crianças entre 6 e 12 anos é o “Estádio Operacional Concreto”, durante esse período as operações se diferem das ações das crianças, o que implica na manipulação e contato direto com o real; segundo a autora:

Esta nova forma de abordar o mundo permite à criança pensar a realidade, organizando-a graças a artifícios mentais, embora ainda precise usar como referencia objetos concretos. (GOULART, 2011: 26)



Enquanto no período pré-operatório a criança construía seu conhecimento sobre o mundo através de ações que implicam em contato direto com o real, a partir do período em que se instala o estágio das operações concretas surge a conservação - capacidade de perceber que apesar das variações de forma ou arranjo espacial, uma quantidade ou valor não varia se dele não se retira ou adiciona algo -, o egocentrismo regride e estas condições são substituídas por operações, as quais são ações interiorizadas, ou seja, conhecer o real agora significa pensar sobre ele – entre essas ações, tem-se a interiorizada reversível: a ação consiste em agir e manipular sobre o mundo, ela é interiorizada quanto à representação do mundo e reversível, pois apresenta uma organização lógica do pensamento sem contradições, gerando a possibilidade de pensar na ação e na anulação dessa ação.

Segundo Goulart (2011), as operações constitutivas do espaço têm a característica de serem acompanhadas de imagens mentais relativamente adequadas e podem traduzir-se por representações figuradas - dentro do estágio operacional concreto -, e esse fato relaciona-se com as classificações que a criança realiza, pois se trata de “uma operação lógica que consiste na capacidade de separar objetos, pessoas, fatos ou idéias em classes ou grupos, tendo por critério uma ou várias características comuns.” (Goulart, 2011). Já a noção de espaço se encontra baseada em estruturas operatórias fundamentadas em objetos contínuos, nas suas vizinhanças e separações; ao abordarmos a questão do espaço e da paisagem com alunos do ensino fundamental I, os PCNs indicam atividades como o estudo do meio, o trabalho com imagens e a representação dos lugares como recursos didáticos através dos quais os alunos podem “construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local, conscientizando-se de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar no qual se encontram inseridos.” (PCN, 1997: 88)

O conceito de paisagem possui caráter específico para a Geografia, segundo Giometti, Pitton e Ortigoza (2012); os autores afirmam que a paisagem é visível e material, sendo entendida como um produto social e histórico que retrata as sociedades que a construíram e a constroem, além disso, o processo de sua transformação nos revela grandes conflitos socioambientais. Para os autores,

O percurso mais dinâmico do entendimento da paisagem reside na forma de interpretá-la, pois antes se fundamentava apenas na descrição empírica de seus elementos, e hoje, é acrescida de relações e conjunções de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais (Giometti, Pitton e Ortigoza; 2012).

A contribuição da História é fundamental no entendimento e na interpretação das modificações e características de cada paisagem, o PCN (2000) sugere que a Geografia pode trabalhar com recortes temporais e espaciais diferentes daqueles da História, mas não pode construir interpretações de uma paisagem sem buscar sua historicidade. Para que possamos ler uma paisagem é necessário estabelecer comparações, e interpretar as diversas relações entre a sociedade e a natureza do local.

Segundo os PCNs, o espaço geográfico é produzido pelo homem historicamente ao mesmo tempo em que ele também organiza sua sociedade nas esferas social e econômica, fato que ressalta a influência desses outros setores da vida do ser humano na construção de seu lugar. A percepção espacial que cada indivíduo ou sociedade possui também é marcada por vínculos socioculturais e nesse aspecto a historicidade – qualidade do que é propriamente histórico – focaliza o homem como sujeito construtor do espaço geográfico, tanto do ponto de vista social como do cultural, imprimindo seus valores para a construção de seu espaço e que está localizado além da perspectiva política e econômica.

Já Machado (2012) aborda a paisagem como constituinte da temática central para compreender os diferentes aspectos da organização espacial, sendo eles os aspectos físicos que formam os quadros naturais nos quais os seres humanos realizam transformações maiores ou menores. Para a autora as paisagens geográficas diferenciam e homogeneizam a superfície da Terra, fazendo surgir os mais variados tipos. Quando tratamos de paisagem devemos levar em conta que ao entrarmos em contato com algum de seus exemplares todos os nossos sentidos serão provocados, e esse momento de contato direto com um meio poderá nos remeter a outro(s) local(ais), pessoa(s), sentimento(s), enfim, diversos significados. Mas essa sensibilidade é, para a autora, apenas uma parte do nosso “repertório de conhecimentos” (Machado, 2012); a outra parte, segundo ela, é ocupada pelas informações adquiridas de maneira indireta, ou seja, aquelas transmitidas por pessoas, escolas, livros, meios de comunicação, palavras – escritas ou verbais, etc. Ainda sobre a questão da sensibilidade, Ortigoza (2012) nos diz que a paisagem pode ser entendida como materialidade das relações sociais, ela se apresenta como resultado de um movimento temporal e espacial, movimento este que vai construindo uma combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e humanos (sociais). Para a autora

As etapas para se chegar a uma compreensão aprofundada da paisagem são: observação, descrição, leitura, interpretação e análise. A ideia central é identificar e compreender as especificidades, e as generalidades, tendo como base a complexidade

dos problemas socioespaciais a serem analisados. Para tanto, elaborar questões e construir reflexões críticas sobre a paisagem que se vê representam um caminho metodológico (Ortigoza, 2012).

Quanto ao ensino da paisagem, o principal desafio para a Geografia, segundo Ortigoza (2012), está em desenvolver metodologias para a observação e análise da paisagem, tarefa estimulante, pois a paisagem é complexa e apresenta uma grande amplitude de relações que estão materializadas. Quanto às atividades didáticas que tenham como foco a paisagem, a autora afirma que elas devem procurar desenvolver nos alunos a capacidade de construir uma leitura dos significados da paisagem e de decompor todos os conteúdos que ela expressa, sendo eles sociais, culturais ou naturais. Para Ortigoza, a observação é o primeiro passo para a realização da leitura e análise da paisagem; dessa forma, os estudos de casos concretos que tenham como objetivo aprofundar o conhecimento das dinâmicas deve ser o foco das pesquisas, sendo que um momento muito valioso para o avanço das discussões sobre esse tema é o da observação sistemática de campo, seguida da descrição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Geografia, tomada como disciplina escolar voltada para as séries iniciais, tem como propósito analisar e interpretar o espaço geográfico e as relações do homem com o meio circundante. A educação espacial/geográfica baseia-se nos conceitos de referência espacial, tais como conceitos de localização, organização, distribuição, orientação e representação do espaço construído socialmente. Uma alfabetização geográfica deve buscar desenvolver habilidades que amplie as possibilidades do aluno consciente realizar uma leitura crítica dos acontecimentos e perceber o espaço geográfico na sua totalidade. É importante que o aluno perceba e saiba analisar a paisagem, conforme sua etapa de aprendizagem e seu nível de abstração, já que esta se trata de um dos componentes mais importantes da vida em sociedade, sendo formada e transformada pelos agentes históricos, entre eles o homem; além do fato de que a paisagem instiga nossas sensações e nos remete àquilo que já vimos ou vivemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Maria Cleonice B. O ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental: uma análise dos descompassos entre a formação docente e as orientações das políticas públicas In: **Terra Livre**, n. 28, 2007, Ano 23, v. I, Presidente Prudente.. p. 129 – 148. Jan – Jun.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia 1º e 2º Ciclos. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 166p.

BRITO, F. R.; GHISOLFFI, R. M . O ensino de ciências e geografia nas séries iniciais: interligação dos saberes sob enfoque globalizador. In: **Congresso Internacional de Educação-Educação: Visão Crítica e Perspectivas de Mudança, VI. Anais...**, Concordia, 2007.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, São Paulo: vol. 25, n. 66, p. 227-247, Maio/Ago. 2005. 270 p.

\_\_\_\_\_. O Ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2003. 195p.

CAMPOS, Beatriz M.; PEDON, Nelson R. Políticas curriculares para o ensino de Geografia nas séries iniciais. In: **Anais do XXIV Congresso de Iniciação Científica/UNESP-Ourinhos**, 2012.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Leitura do espaço Geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território in: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA/PROGRAD. **Caderno de formação de Professores**, Bloco 02 - Didática dos Conteúdos, volume 9. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, pp. 33-40.

LA BLACHE, Paul Vidal de. A geografia na escola primária. In: REZENDE, Eduardo C. M. & FERREIRA, Ricardo R. **A Geografia fora da sala de aula**. São Paulo: Nécropolis, 2008, pp. 11 – 22.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. Percepção da paisagem: conceituação, observação, descrição, vivência in: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA/PROGRAD. **Caderno de formação de Professores**, Bloco 02 - Didática dos Conteúdos, volume 9. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, pp. 41-50.

MARQUES, Valéria. In: Reflexões sobre o ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. **1º SIMPGEO/SP**, Rio Claro, 2008. p. 202 – 213.

\_\_\_\_\_. Alfabetização Geográfica: o ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo PUC, 2009. 136p.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. Uma aproximação à didática do ensino de Geografia in: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA/PROGRAD. **Caderno de formação de Professores**, Bloco 02 - Didática dos Conteúdos, volume 9. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, pp. 21-32.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Paisagem: síntese das heranças da relação da sociedade com o espaço in: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA/PROGRAD. **Caderno de formação de Professores**, Bloco 02 - Didática dos Conteúdos, volume 9. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, pp. 51- 59.

STRAFORINI, Rafael. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. In: **Terra Livre**, n.18, Ano 18, vol. I. São Paulo, 2002a, p. 95 - 114

\_\_\_\_\_. Ensinar Geografia nas séries iniciais: da realidade à totalidade. In: **XIII Encontro Nacional de Geógrafos**, João Pessoa, 2002b.